



Jonathan Porto Alegre da Silva

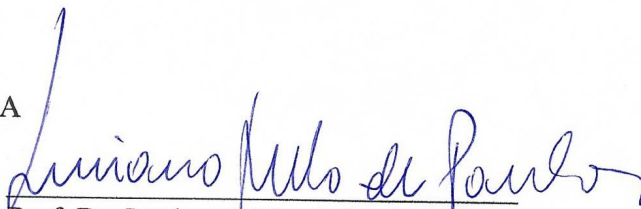
O poder da literatura no mundo de tinta: uma leitura de Cornelia Funke

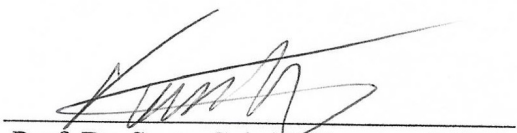
Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

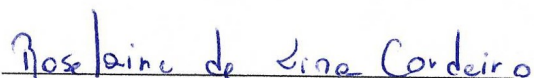
Orientador Prof. Dr. Luciano Melo de Paula

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 08/08/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Luciano Melo de Paula (UFFS)


Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFFS)


Prof. Dra. Roselaine De Lima Cordeiro (UFFS)

O poder da literatura no mundo de tinta: uma leitura de Cornelia Funke¹

Jonathan Porto Alegre da Silva²

cronopas@gmail.com

RESUMO: Este é um ensaio sobre *Coração de tinta* (2006), de Cornelia Funke, analisamos a obra e seus possíveis impactos no público leitor. A narrativa cria um mundo fantástico, mágico, em que a literatura pode se tornar realidade, as análises deste ensaio destacam o impacto e o poder da literatura sobre o leitor na obra de Cornelia Funke e como isso pode influenciar o aprimoramento e a aproximação com o texto literário. Nosso texto dialoga com obras de autores como Rildo Cosson (2020); Antonio Candido (2011); Vincent Jouve (2002); Daniel Link (2002); Wolfgang Iser (1999) e Tzvetan Todorov (2004), relacionados com o ensino de literatura, formação do leitor e estudos sobre o fantástico. O fantástico presente em *Coração de tinta* pode oferecer a possibilidade de influenciar no aprimoramento e aproximação do leitor com o texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: *Coração de tinta*; Literatura; Ensino de literatura; Leitura.

1 Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Luciano Melo de Paula.

2 Acadêmico da 10ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

Introdução

Cornelia Maria Funke, mais conhecida como Cornelia Funke, é uma consagrada escritora alemã de literatura infantojuvenil. Nasceu em Dorsten, noroeste da Alemanha, no fim da década de 1950, um cenário rural e de minas de carvão abandonadas. Ela conta que durante sua infância acompanhou pela TV, junto ao pai, o primeiro pouso de um astronauta na lua e foi assim que começou a sonhar em ser uma astronauta. A autora também lembra as histórias que contava para sua irmã Insa, as inventava para passar o tempo e se divertirem. Ela conta em seu site pessoal que a aproximação com sua irmã foi a principal responsável por dedicar-se ao trabalho com crianças e o que a levou a estudar pedagogia (Funke, Site oficial).

Funke fez a sua formação acadêmica na Universidade de Hamburgo, após a conclusão de sua graduação, trabalhou como assistente social por três anos, com crianças e jovens carentes. Foi neste período que desenvolveu os seus primeiros trabalhos de mediação de leitura:

Pero antes de nada fui trabajadora social porque sentí que el mundo realmente necesitaba algunas mejoras (todavía lo creo hoy). Mis encuentros con tantos niños "salvajes" que crecieron en un entorno mucho menos pacífico que el mío, me enseñaron qué libros debía escribir: libros para todos los que aman la lectura tanto como yo, pero también para los que no. Me sigue haciendo muy feliz cuando mis historias atraen a lectores a los que en realidad no les gustan los libros (Funke, Site oficial).³

A autora conta que ao trabalhar com essas crianças ela percebeu que não se deve ignorar os talentos com os quais nascemos, através das leituras e do trabalho com ilustração Funke diz que aprendeu mais sobre si mesma. Ela começou a estudar edição e acabamento de livros, ampliou o trabalho com ilustração, porém ao trabalhar em um livro do qual não estava gostando, decidiu por si mesma escrever algo, contar sua própria história.

Y un buen día, cuando se suponía que tenía que ilustrar una vez más un libro para niños que no me gustaba en absoluto, decidí escribir cuentos yo misma. ¿Lo ves? Lo que realmente queremos, lo que es bueno para nosotros y lo que nos gusta, lo averiguamos si no seguimos el camino recto. Los adultos pueden decirte algo diferente, pero creo que los caminos que serpentean como un río a través del paisaje de la vida te muestran muchas más facetas de ti mismo, te enseñan más sobre el mundo y también son mucho más emocionantes (Funke, Site oficial).⁴

3 “Mas antes de mais nada fui assistente social porque senti que o mundo precisava mesmo de algumas melhorias (ainda precisa hoje). Meus encontros com tantas crianças “selvagens” que cresceram em um ambiente muito menos pacífico que o meu, me ensinaram quais livros eu deveria escrever: livros para todos que amam ler tanto quanto eu, mas também para aqueles que não gostam. Ainda fico muito feliz quando minhas histórias atraem leitores que na verdade não gostam de livros” (Funke, Site oficial). [nossa tradução].

4 “E um belo dia, quando eu deveria ilustrar mais uma vez um livro infantil que não gostei nada, resolvi escrever eu mesmo histórias. Você vê? O que realmente queremos, o que nos faz bem e o que gostamos, descobrimos se não seguirmos o caminho reto. Os adultos podem dizer o contrário, mas acredito que os caminhos que serpenteiam como

Funke nunca deixou de trabalhar com ilustrações, mesmo quando começou a escrever suas próprias histórias, sempre que pode, incorpora as suas próprias ilustrações nas páginas que escreve. A autora manteve uma trajetória de ascensão e destaque nas últimas três décadas, alcançando boa repercussão, reconhecimento e um alto índice de vendas. Cornelia Funke ganhou renome mundial com *O cavaleiro do dragão* (1997), este foi *best-seller* do *New York Times*, por 78 semanas. O sucesso seguiu com *O senhor dos ladrões* (2000). Entretanto, foi com *Coração de tinta*⁵, publicado em 2003, que a autora ganhou o mundo. Este foi o primeiro título da trilogia conhecida como *Mundo de tinta* (2003-2007). Em 2008, este volume recebeu uma adaptação cinematográfica. O filme não agradou ao público e nem à crítica, o resultado inviabilizou a adaptação dos títulos seguintes, *Sangue de tinta* (2005) e *Morte de tinta* (2007).

Todavia, mesmo com o fracasso no cinema, a circulação dos livros de Funke continuou a crescer e conquistar cada vez mais a atenção de muitos leitores, devido ao tratamento original em que o universo da literatura ocidental é representado em suas obras. Em *Coração de tinta* Funke expõe a importância da literatura na vida das pessoas, como esta pode influenciar e transformar a vida de quem convive com os livros, suas histórias e todas as memórias que lá podem estar guardadas:

[...] Quando você leva um livro numa viagem, dissera Mo quando ela pôs o primeiro no baú, acontece uma coisa estranha: o livro começa a colecionar lembranças. Depois basta abri-lo, e você já está de novo no lugar onde o leu. Tudo volta, já nas primeiras palavras: as imagens, os cheiros, o sorvete que você tomou enquanto lia (Funke, 2006, p. 22).

O nosso destaque para *Coração de tinta* é por ser uma obra fora das atividades de leitura escolar, embora presente nas listas do PNBE (Programa Nacional de Bibliotecas da Escola), do repertório de leitores formados e da maioria de amantes da literatura, é obra de grande circulação entre um público específico. Em outros termos, é uma obra de *nicho*, com a temática de fantasia, que tantos jovens leitores têm atraído no período recente. Este *nicho*, pode, em algum momento, ser considerado como uma parte estranha ou não pertencente à “alta” literatura, mas referencia outras obras e autores na atualidade. E, muito mais que isso, este *nicho*, livros de fantasia, atrai cada vez mais novos e antigos leitores. *Coração de tinta* alia a temática do fantástico com a literatura, constrói o seu enredo com a história de alguns clássicos e personagens da grande tradição literária.

O livro de Funke pode ser considerado uma oportunidade para atrair e formar novos leitores,

um rio pela paisagem da vida mostram muito mais facetas de você mesmo, ensinam mais sobre o mundo e também são muito mais emocionantes” (Funke, Site oficial). [nossa tradução].

5 Todas as vezes que citarmos o título da obra em itálico, *Coração de tinta*, estaremos nos referindo à obra escrita por Cornelia Funke. Caso contrário estaremos fazendo referência ao livro *Coração de tinta* escrito pelo personagem fictício Fenoglio, uma parte da narrativa de Funke.

ele aborda um universo no qual a literatura é o tema e a matéria decisiva para o desenvolvimento da narrativa. *Coração de tinta* é uma alta demonstração de conhecimento, amor e carinho pela literatura. Neste mundo ficcional a literatura é uma forma não apenas de conhecimento e sabedoria, mas de poder e riqueza. Em consequência, o manuseio e a leitura de textos literários transformam-se em objetos de ambição e disputa por grupos de heróis/vilões criados pela narrativa de Funke e das muitas outras que ela invoca. Aqui a literatura pode ser interpretada como uma espada ou como escudo, pode enfrentar as trevas, iluminar, atacar ou defender aqueles que são amados e queridos.

Para esta leitura de *Coração de tinta*, contaremos com o amparo teórico de autores ligados ao estudo dos processos de desenvolvimento da leitura, do ensino de literatura e do efeito do fantástico nos textos, entre eles, Rildo Cosson (2020); Antonio Candido (2011); Vincent Jouve (2002); Daniel Link (2002); Wolfgang Iser (1999) e Tzvetan Todorov (2004).

As obras de ficção fantástica podem funcionar como portas de entrada para o mundo da leitura, tem o potencial de contribuir com a formação de leitores e, até mesmo, de adultos. Estas obras cativam números cada vez mais expressivos de leitores, ávidos pelas continuações ou pelo lançamento de novas séries. Esta energia e curiosidade pela leitura podem servir como acesso a novas leituras e a outros temas literários. A escola precisa reconhecer que as obras de ficção fantástica existem e circulam, principalmente, entre os jovens leitores. Estes ignoram se estas obras estão ou não no cânone escolar recomendado. Estas obras podem estimular e ampliar a presença da literatura na escola. A produção contemporânea que circula entre estes jovens pode estar presente e ao lado dos clássicos curriculares para atrair a atenção, frequência às atividades de leitura e uma continuidade de leituras literárias. Certo é que uma questão já está resolvida, a literatura precisa estar presente na escola:

[...] a literatura precisa se fazer presente na escola, por duas grandes razões interligadas entre si. A primeira delas é que por meio da literatura o aluno se desenvolve como indivíduo, ou seja, a literatura dos textos literários proporciona ao leitor experiências e conhecimentos que ampliam e aprofundam a sua compreensão do viver, que o ajudam a entender melhor o seu mundo e a si mesmo. No caso das crianças, a leitura de textos literários ajuda a desenvolver a imaginação. No caso de adolescentes, ela ajuda a ampliar os modelos identitários. No caso do adulto, ela ajuda a refletir sobre a sociedade em que vive (Cosson, 2020, p. 133).

Relembra Cosson, em *Paradigmas do ensino de literatura* (2020), sob o viés da formação do leitor, ele aponta o valor que a literatura pode adquirir na vida de crianças, adolescentes e adultos. Este valor será despertado na maioria das vezes por um/a mediador/a de leitura⁶. A tarefa deste/a mediador/a será sugerir os textos adequados a cada período, idade e/ou nível escolar. Os

6 Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem (Reyes, 2014).

textos escolhidos, preferencialmente, em comum acordo com o grupo, precisam estimular e ampliar a curiosidade e o interesse sobre outros textos. O poder de levar os jovens leitores a outros textos está presente em *Coração de tinta*, o leitor de Funke é impactado e persuadido a especular sobre o poder que a literatura pode ter, as suas riquezas e os seus conhecimentos. Assim, a leitura da ficção fantástica de Funke pode funcionar como um exercício de aproximação e formação de novos leitores.

1 *Coração de tinta* e o poder da literatura

Coração de tinta é destinado ao público jovem, mas pode funcionar em outros públicos, narrado em terceira pessoa, tem como principais protagonistas Mortimer e Meggie, pai e filha. Meggie gosta de chamar o pai de “Mo”, como uma forma de demonstração de carinho, Meggie também o chama de médico de livros, pois Mo é um encadernador, e seu trabalho consiste em restaurar livros antigos e desgastados. Vivem sob o impacto da ausência da mãe de Meggie, misteriosamente desaparecida. Mo e Meggie precisam aprender a lidar com os traumas do passado e com vilões literários que foram trazidos magicamente à narrativa e que precisam das habilidades de Mo para a concretização de planos de vingança e cobiça.

Em *Coração de tinta* nos é apresentado um universo no qual algumas pouquíssimas pessoas nascem com um dom extremamente raro e mágico, estes são chamados de Língua Encantada. Este dom permite que o Língua Encantada tenha a capacidade de transformar em realidade qualquer objeto ou pessoa que ele leia de qualquer livro, e mais, este também pode enviar pessoas do mundo da narrativa para dentro de outras obras literárias. Assim, criando a possibilidade de se viajar por infinitos mundos entre os tantos já descritos na literatura.

Mortimer e sua esposa Resa estavam lendo um livro chamado *Coração de tinta* para Meggie, ainda bebê, os três estavam curtindo a leitura, Mo começou a leitura sozinho, tudo estava indo bem até que por acidente utilizou seus poderes, os quais desconhecia até aquele momento. A voz de Mo fez sua esposa desaparecer sem deixar qualquer vestígio, porém ali mesmo apareceram três figuras misteriosas, sendo eles, Capricórnio, Basta e Dedo Empoeirado, os três eram personagens do livro que Mo estava lendo para Meggie.

Dedo Empoeirado era um saltimbanco, o grande herói da narrativa do livro *Coração de tinta*, possuía habilidades de manipular chamas e com ela viajava exibindo seus poderes em shows de rua para ganhar dinheiro, e sempre acompanhado de sua doninha com chifres, Gwin. Capricórnio já é um dos antagonistas presentes no mundo do *Coração de tinta*, servia ao poderoso e assustador Sombra. E ao seu lado, seu fiel capanga Basta, um assassino perito em utilizar facas para atacar

suas vítimas. Os três haviam saído diretamente do livro que Mo estava lendo. Confusos e sem saber o que estava acontecendo fugiram e desapareceram na noite.

A noite em que Mo descobriu seus poderes como Língua Encantada mudou a sua vida, ao incluir ali um conjunto de segredos e mistérios. Ele nunca contou a Meggie o que havia efetivamente acontecido à mãe e nem mesmo o motivo de nunca mais ter lido qualquer livro em voz alta. Os anos se passaram, pai e filha restabeleceram a vida, até que tudo mudou mais uma vez. Certa noite, Dedo Empoeirado reaparece na casa de Mo, traz à tona os acontecimentos envolvendo o livro Coração de tinta. O saltimbanco estava ali em busca de uma forma de voltar para casa, ele não gostava do mundo onde foi parar, e para isso começou a trabalhar para Capricórnio, este enviou Dedo Empoeirado para capturar Mo e arranjar uma cópia do livro, para dar início ao seu maligno plano.

A perseguição de Capricórnio a Mo ou por alguém que tivesse poderes similares acaba por ser sua ruína, assim como também para o seu mestre. O vilão consegue encontrar uma pessoa antes de Mo, um homem chamado Darius, que também é um Língua Encantada, porém Darius é gago e sempre que lia em voz alta para usar seus poderes acabava por gaguejar e consequentemente trazendo os personagens do Coração de tinta com algum defeito, alguns mancos, outros caolhos, alguns desprovidos de inteligência e até mesmo mudos, como era o caso para as empregadas que serviam Capricórnio e seus lacaios. Cansado de Darius trazer apenas defeitos para fora dos livros, o vilão caçou Mo na esperança de usá-lo como servo para realizar qualquer pedido que estivesse interessado, especialmente trazer Sombra para o lado de Capricórnio, já que temia que Darius fosse incapaz de trazer seu mestre com perfeição.

Mo é capturado e forçado por Capricórnio a ler um fragmento do famoso livro, *A ilha do tesouro* (1883) de Robert L. Stevenson, neste trecho habilidades de Língua Encantada são colocadas em prática para trazer para fora do livro uma pilha de ouro, as palavras que Mo lia, ganhavam vida, tudo em volta do Língua Encantada, o leitor perde as referências do ambiente em que esta, era como se estivesse em transe, sendo guiado apenas pelas letras do livro que tinha em mãos:

Ele lançou um último olhar para Capricórnio, olhou mais uma vez para Elinor, deu um pigarro... e começou. Tudo desapareceu. As paredes vermelhas da igreja, os rostos dos homens de Capricórnio e o próprio Capricórnio em sua cadeira. Havia apenas a voz de Mo e as imagens que as letras iam formando como um tapete num tear (Funke, 2006, p. 156).

Neste mesmo trecho a autora oferece ao leitor um fragmento de *A ilha do tesouro* (1883), lido pelo protagonista e transformando aquelas palavras em realidade:

Mo não o fez esperar muito. Enquanto lia o que Jim Hawkins, o garoto que era só um

pouco mais velho do que Meggie, vira numa caverna escura durante suas terríveis aventuras, aconteceu: Moedas de ouro, cunhadas com a efígie do rei George ou de um dos Luíses, dobrões, guinéus, moidores e cequins, as efígies de todos os reis da Europa no decorrer dos últimos cem anos, estranhas peças orientais, cujas inscrições pareciam um emaranhado de fios ou um pedaço de uma teia de aranha, moedas redondas, quadradas, moedas perfuradas no meio, como se houvessem sido usadas penduradas no pescoço — toda sorte de ouro cunhado parecia ter seu lugar naquela coleção, e eram tantas peças quantas as folhas no outono, de forma que tive dores nas costas de tanto que precisei me curvar, e meus dedos doíam de separá-las. As criadas ainda estavam limpando as últimas migalhas das mesas quando de repente as moedas começaram a cair sobre a madeira lustrosa (Funke, 2006, p. 157).

Os efeitos dos poderes do Língua Encantada ocorrem quase que instantaneamente após a leitura. Os demais personagens reagem ao ocorrido. Funke descreve com cuidado as reações das criadas e dos demais bandidos ao verem a pilha de ouro surgindo do nada, todos testemunhando o poder da literatura invadindo a narrativa de *Coração de tinta*:

As criadas ainda estavam limpando as últimas migalhas das mesas quando de repente as moedas começaram a cair sobre a madeira lustrosa. As mulheres recuaram assustadas, soltaram os panos de limpeza e puseram as mãos na boca, enquanto as moedas pululavam aos seus pés, moedas douradas, prateadas, cor de cobre, repicavam no chão de pedra, amontoavam-se tilintantes sob os bancos, mais e mais moedas. Algumas rolaram até o pé da escada. Os homens de Capricórnio levantaram-se sobressaltados, curvaram-se para pegar as pecinhas cintilantes que batiam em suas botas... e recolheram as mãos novamente. Nenhum deles ousou tocar no dinheiro enfeitiçado. Sim, o que era aquilo senão ouro feito de papel e tinta preta e do som de uma voz humana? (Funke, 2006, p. 157).

Após muita confusão, o vilão captura Meggie e Fenoglio, este o autor do *Coração de tinta*, o único que ainda guardava uma cópia da obra. Na esperança de que Mo viesse salvar sua filha, e por fim, Fenoglio descobre que a garota também possui a magia de um Língua Encantada. “Ele olhou para o livro, depois para a fada, depois de novo para o livro. — Foi sem querer! — sussurrou Meggie. — Verdade. A fada voou mais uma vez para a janela, inquieta” (Funke, 2006, p. 314). Meggie sem querer trouxe para fora de seu livro a Sininho, a fada mágica do livro *Peter Pan* (1911), e assim descobriu que podia fazer o mesmo que seu pai.

Graças a Meggie e seus poderes, que Fenoglio e a garota tiveram a ideia de planejar uma forma de derrotar Capricórnio e assim impedir que Sombra saísse de dentro do *Coração de tinta*. Com o plano, Meggie e Fenoglio acreditavam que se reescrevessem trechos do livro escrito por ele e Meggie lesse seria possível causar algum efeito sobre as personagens do *Coração de tinta*, como Capricórnio e seus capangas. Assim, com muita dificuldade, para achar o tom certo nas palavras, Fenoglio escreve e entrega a Meggie, para que lesse no ritual que Capricórnio preparou para trazer seu mestre Sombra ao seu lado.

Uma noite, porém, uma noite tépida e estrelada, quando Sombra apareceu, ele não ouviu a

voz de Capricórnio, e sim a voz de uma menina. Quando ela pronunciou seu nome, ele se lembrou de todas aquelas pessoas de cujas cinzas era formado, de toda a dor e toda a tristeza...”

— “Ele se lembrou” — ela continuou a ler com voz bem alta — “e resolveu se vingar, se vingar de todos os que eram a causa daquela infelicidade, dos que haviam assombrado o mundo com sua crueldade.”

— “E Capricórnio caiu de braços e seu coração negro parou de bater, e todos que haviam incendiado e assassinado a seu serviço desapareceram, como cinzas levadas pelo vento (Funke, 2006, p. 437).

Capricórnio e seus capangas desapareceram, assim como Fenoglio havia reescrito, mas também criaturas mágicas nativas do livro acabaram saindo do Coração de tinta, “[...] A aldeia de Capricórnio recebera alguns estranhos novos moradores” (Funke, 2006, p. 441). Fadas, Gnomos e vários outros seres fantásticos agora vivem na aldeia que antes pertencia a Capricórnio e seus lacaios.

Este é um breve resumo da obra de Funke, uma obra na qual a literatura se transforma em algo que pode mudar, influenciar e diversificar o mundo. E que trará sempre a possibilidade de conhecer novos universos, novas histórias e novas culturas e, talvez, como consequência, também transformar o leitor.

2 O leitor e o texto

O vínculo entre o leitor e o texto literário é um destaque na obra de Funke, como apresentado anteriormente, o *Língua Encantada* tem a capacidade de usar os livros e a narrativa para criar vida e objetos, assim influenciar o que o cerca, trazendo pessoas e ou riquezas, como também as memórias que o leitor cria junto à narrativa. Ou seja, esse vínculo é um ato que coloca o leitor e o texto em um estado de confronto, juntos produzem sentidos, o objeto e o sujeito, o ato da leitura é o feito da união desses dois sentidos, assim ambos são importantes um para o outro.

O sujeito lê um objeto. Chamemos 1 ao objeto; 2 ao sujeito; 3 à relação entre sujeito e objeto: o que chamamos de leitura é apenas a correlação de duas séries de sentido, uma inerente ao objeto e outra inerente ao sujeito [...]. Se o que aparece é apenas a série de sentidos “que vem” do objeto e apenas do objeto, estamos diante de uma descrição. Se o que se impõe é a série de sentidos do sujeito [...] estamos diante de uma interpretação. Não se trata de “desqualificar” a descrição (o 1) e a interpretação (o 2), mas simplesmente de declará-las limites da leitura (o 3) (Link, 2002, p. 19).

O leitor se torna tão importante na obra quanto o autor foi ao escrevê-la, pois o leitor através de sua imersão na narrativa desenvolve reflexões e interpreta o que está no texto, conectando-se intimamente com a obra, aprofunda e expande o que encontra ali. Este efeito acontece mesmo que a obra seja relida, será talvez a mesma obra, mas o leitor já não será o mesmo.

Na história contada por Funke a literatura está envolvida em toda parte, os protagonistas são movidos pelo poder que os livros e a literatura possuem, são levados e guiados pelas palavras de um livro de fantasia intitulado *Coração de tinta*. É possível fazer um paralelo com o nosso mundo, os livros e a literatura possuem uma grande importância na nossa sociedade e na nossa história. Os efeitos da leitura em *Coração de tinta* são muito mais mágicos que no nosso, mas ainda é um poder que pode influenciar os leitores, na medida em que cada um entra pela artimanha da autora em contato com o mágico e o fantástico.

Daniel Link em *Como se lê e outras intervenções críticas* (2002) também aponta que existem livros que ocupam diferentes lugares de acordo com a situação e momento que são lidos, “A monstruosa Recherche, lida por um jovem inexperiente, pode ser um mecanismo de expulsão definitivo; lido por um professor cínico e maduro, desencadeia a mais elegante das conversações imaginárias” (Link, 2002, p. 128), e Funke apresenta um pensamento parecido em seu livro através de Mo, quando ele lembra que os livros guardam memórias, através deles é possível voltar ao momento no qual o leu pela primeira vez. Neste sentido, há uma relação entre o proposto por Link, ou seja, os livros, ou melhor, a própria literatura, é um objeto que armazena nossos conhecimentos, emoções, sentimentos e histórias, cada obra terá um impacto diferente em cada leitor.

Será sobre este impacto o paralelo que podemos inferir entre Mortimer e o leitor. Mo representa o sonho de qualquer leitor: a possibilidade de conversar cara a cara com suas personagens favoritas da literatura. Mo assume a posição de representante do leitor, ele é a entrada para o mundo no qual a literatura passa a ser realidade, mesmo que somente no âmbito de uma narrativa ficcional. O leitor adentra ao mundo da obra e durante a aventura absorve os sentimentos e experiências de Mo e das outras personagens que o acompanham. E, para fomentar esse paralelo, Funke mescla a realidade com os acontecimentos fictícios presentes em *Coração de tinta*, introduzindo outras obras literárias na narrativa como, *Os contos das mil e uma noites* (?), *Peter pan* (1911), *Senhor do anéis* (1954), *A ilha do tesouro* (1883), entre outras. Não existe apenas o livro fictício *Coração de tinta*, escrito por Fenoglio, mas um conjunto amplo de outras narrativas que podem ativar os conhecimentos prévios dos leitores. Um exemplo é quando Mo se vê forçado a ler em voz alta *Os contos das mil e uma noites*:

Basta, porém, pôs a mão no ombro de Meggie com um sorriso malvado. — Vamos logo, Língua Encantada! — ele disse. — Você ouviu muito bem. Ainda há uma pilha de livros aí. Mo olhou demoradamente para Meggie, antes de se abaixar e pegar o livro que já tivera na mão uma vez: *Os contos das mil e uma noites*. — O livro sem fim — ele murmurou enquanto o abria. — Sabia que os árabes dizem que ninguém pode lê-lo até o final, Meggie? Meggie fez que não com a cabeça enquanto se sentava ao lado dele no chão frio. Basta permitiu, mas sentou-se bem atrás dela. Meggie não sabia muitas coisas sobre As mil e uma noites. Apenas sabia que o livro, na verdade, consistia em vários volumes. O

exemplar que Darius dera a Mo só podia ser uma pequena compilação. Será que ali estavam os quarenta ladrões e Aladim com sua lâmpada maravilhosa? O que Mo leria? (Funke, 2006, p. 160).

Propor uma narrativa em que as obras, os autores e as personagens da grande tradição literária, como Aladim, Sininho, Jim Hawkins, possibilita ampliar a imersão do leitor na sua relação com o texto, tornando o irreal ainda mais real, criando um ambiente mais concreto e plausível, oferecendo a possibilidade ao leitor de ele adentrar na narrativa e se aproximar das personagens e das situações criadas. Sabemos, nós leitores, que Aladim e Sininho e todos os personagens literários que reconhecemos têm, de fato, vida própria em algum âmbito.

Uma questão proposta por Vincent Jouve, em *A leitura* (2002), pode melhorar o entendimento: “O que acontece quando se lê um livro? Quais são as sensações, as impressões que a leitura suscita em nós?” (2002, p. 107). Os efeitos que uma obra tem perante um leitor muda de pessoa para pessoa, mas como dito por Jouve, o ato de ler pode reativar crenças infantis no leitor, pois através do ficcional, do fantástico, quem lê pode se encontrar com sensações que sentia quando criança e seu imaginário era muito mais presente, o leitor adulto renasce como uma criança e assim fugindo da realidade e voltando a abraçar o fantasioso e o ficcional, “Ler, de certa forma, é reencontrar as crenças e, portanto, as sensações da infância. A leitura, que outrora ofereceu para nosso imaginário um universo sem fim, ressuscita esse passado cada vez que, nostálgicos, lemos uma história” (Jouve, 2002, p. 117).

O fantástico e a manifestação destas sensações propostas por Jouve promovem um impacto no leitor, o leva a sair por momentos da realidade em que está imerso, indo para outra dimensão e outra cultura, assim conhece pessoas/personagens diferentes, expande seus horizontes sem precisar sair de casa. A leitura é uma forma de libertação, como também marcado por Jouve (2002). Esta liberdade nos permite viajar entre páginas e letras, “[...] ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção” (Jouve, 2002, p. 109).

Essa nutrição da ficção citada por Jouve está claramente expressa por Funke. *Coração de tinta* a todo momento deixa explícito a importância da literatura e o seu amor por ela. Mo e Meggie, ambos os protagonistas de *Coração da tinta*, são a essência, a paixão e carinho pela leitura e literatura. E esses sentimentos são transferidos ao leitor de uma forma natural e orgânica:

A luz do quarto de Mo estava acesa. Era comum ele ficar lendo até altas horas da noite. Meggie herdara do pai a paixão pelos livros. Quando ela tinha um sonho ruim e ia se refugiar junto dele, não havia nada melhor para fazê-la adormecer do que a respiração

calma de Mo ao seu lado virando as páginas de um livro. Nada espantava mais rápido os sonhos ruins do que o barulho das folhas impressas (Funke, 2006, p. 12).

Wolfgang Iser, em *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1999), afirma que o texto não é uma estrada de mão única, que segue em linha reta até o leitor, mas sim um caminho repleto de dinamismo e produtividade, que promove a criatividade do leitor durante a leitura, levando-o muito além das sugestões expressas pelo texto:

Os signos linguísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer dos quais o texto se traduz para a consciência do leitor. Isso equivale a dizer que os atos estimulados pelo texto se furtam ao controle total da parte do texto. No entanto, é antes de tudo esse hiato que origina a criatividade da recepção (Iser, 1999, p. 10).

Esse caminho repleto de dinamismo e produtividade é o que torna a leitura suficiente para causar no leitor um certo impacto. O texto pode ser uma oportunidade para que o leitor amplie seus conhecimentos e experiências com o mundo, a literatura oferece aos leitores estímulos que ele não encontrará por outros meios. Estes estímulos são decorrentes de um tipo de jogo que ocorre durante a leitura, como Iser aponta “O autor e o leitor participam de um jogo de fantasia; [...] É que a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer nossas capacidades” (Iser, 1999, p. 10). Este caminho de dinamismo e produtividade ocorre somente por uma troca de sentidos e significados entre o leitor e a obra.

O fantástico em *Coração de tinta* está relacionado ao apontado por Todorov (2004), os textos possuem lacunas de sentido e que devem ser complementadas através do imaginário do leitor, ou seja, a compreensão e seu processo é dependente da interação entre texto e leitor. Este complementa as lacunas com inferências durante a leitura. Este preenchimento vai ocorrer de acordo com a particularidade e da situação de cada leitor, considerando a sua condição histórico-cultural, social e dos conhecimentos que mobiliza em relação ao texto. Este processo provoca a interpretação do texto fantástico, unindo a ficção com o real. “Nem toda ficção nem todo sentido literal estão ligados ao fantástico; mas todo o fantástico está ligado à ficção e ao sentido literal. Ambos são condições necessárias para a existência do fantástico” (Todorov, 2004, p. 41).

A ficção e o sentido literal, nos termos propostos por Todorov (2004), são pontos nos quais o leitor se apoia para construir e validar os sentidos, imagens e inferências resultados de sua interação com o texto. Todorov lembra que a literatura passa por cima das distinções entre o real e o imaginário, é o leitor quem determina se os acontecimentos fantásticos podem ser aceitos como reais ou não. O sentido literal das coisas está na obra de Funke, no universo que ela construiu é

muito semelhante ao nosso, as da leis da física, a topografia, a literatura e a história são idênticas. A ficção será a magia dos Línguas Encantadas e os desdobramentos das peripécias que eles provocam. A ficção e o sentido literal em *Coração de tinta* são os elementos que tornam o fantástico a narrativa verossímil para o leitor.

Todorov ainda argumenta, em *Introdução à literatura fantástica* (2004), que a narrativa fantástica consiste na interrupção do nosso mundo por meio de eventos que não são explicáveis por leis naturais, produzindo uma percepção de dúvida, que ressalta a visão do real e o fora do comum presente no fantástico. A dúvida causada pelo fantástico é comumente gerada pela interação do leitor com o mundo das personagens, percebendo aquelas personagens como vivas e reais:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por um personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confinado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem (Todorov, 2004, p. 19-20).

O texto obriga o leitor a aceitar a narrativa como algo real, um universo onde existem criaturas vivas, promovendo no leitor a capacidade de compreender e aceitar o fantástico presente na narrativa. A incredulidade que as personagens têm em primeiro momento ao ver os poderes de um Língua Encantada é o que gera a hesitação no leitor, permitindo que o mesmo se identifique ainda mais com as personagens e com a situação da narrativa. O fantástico na obra de Funke, mesmo que irreal, acaba se tornando algo real para o leitor devido a sua aproximação com os protagonistas da obra.

A presença do fantástico em *Coração de tinta* cria o diálogo entre a obra e a experiência do leitor pela estruturação do real naquele universo fantástico, mesmo a presença de pessoas e objetos com habilidades mágicas, o leitor aceita o pacto de “realidade” proposto por Funke. Uma face desta estruturação do real é a inserção do longo repertório da literatura mundial em sua obra. Isto aproxima o leitor e as suas experiências com o universo fantástico do *Mundo de tinta*, como proposto por Jouve, “a obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário” (Jouve, 2002, p. 61), e algo sempre presente no fantástico é a provocação de dúvidas no leitor, a indução para que ative as suas habilidades e aceite o fantástico e a “realidade” que a obra de Funke indica:

Às vezes é bastante prático que a nossa memória não funcione tão bem quanto a dos livros. Se bem que sem eles não saberíamos de praticamente mais nada. Tudo seria esquecido: a guerra de Tróia, Cristóvão Colombo, Marco Polo, Shakespeare, todos os deuses e reis malucos (Funke, 2006, p. 48).

Portanto, o fantástico e a realidade não passam de lados opostos de uma mesma moeda, uma dependendo da outra, o leitor é influenciado pela realidade, como também o fantástico influencia a realidade do leitor, o levando a questionamentos pessoais e sociais. Ou seja, o fantástico é algo inerente à sociedade e ao ser humano, é um motor que produz questionamentos e coloca o leitor na posição questionadora do ser humano e da humanidade.

3. As consequências da leitura em *Coração de tinta*

O livro fictício *Coração de tinta*, escrito por Fenoglio, é quase um reflexo do *Coração de tinta* que o leitor tem em mãos. Ambos falam do mesmo mundo, mas cada um conta uma história diferente. O livro escrito por Fenoglio conta sobre um mundo governado por personagens tirânicos, guiados pelo vilão Sombra e seu laçao Capricórnio. Enquanto o livro que está com o leitor apresenta o mundo em que Mo e Meggie lidam com as consequências do que descobriram quando revelou-se a condição de que eram Línguas Encantadas e como esse poder é perigoso e, ao mesmo tempo, belo e mágico.

As consequências dos poderes de Mo foram tão grandes que resultaram no desaparecimento de sua esposa, Resa. Também trouxe ao mundo da narrativa três personagens: Dedo Empoeirado, Basta e Capricórnio. Sendo um trágico herói e dois vilões. Mo reflete como estes três personagens deslocados fugiram do mundo criado por Fenoglio e foram para um outro muito diferente.

[...] Acho que nenhum dos três entendeu o que havia acontecido. Eu mesmo só entendi muito depois. A minha voz os fizera escorregar do livro, como um marcador que alguém tivesse esquecido entre as páginas. Como eles poderiam entender isso? (Funke, 2006, p. 126).

Em *Coração de tinta* temos a presença de diversas obras literárias que aproximam o leitor do universo criado por Funke, e também abrem as portas para que o leitor se aprofunde na literatura e toca intimamente aquele que já é próximo e convive com o hábito da leitura e da frequência aos clássicos da literatura. O objetivo de Funke parece que é alcançar o sentimento dos leitores quando oferece a possibilidade de os personagens saírem dos limites ficcionais para o mundo real. Essa artimanha de Funke já foi considerada por muitos leitores, estes sempre imaginam como seria poder conversar com sua personagem favorita, ou até mesmo um pesquisador poder interagir com um autor. Isto seria possível se existisse alguém com as habilidades mágicas de um Língua Encantada, bastaria ler em voz alta uma biografia ou qualquer romance de interesse.

Funke desenvolve uma narrativa na qual brinca com o autor, com os leitores e com os personagens. Coloca em um mesmo plano, o leitor e o texto e mostra uma situação em que a

fascinação do autor por sua obra, agora viva, passa diante do olhar e do toque. Fenoglio, escritor de *Coração de Tinta*, encontra a personagem de sua obra, Dedo Empoeirado. Funke expõe como seria este estranho encontro. O susto é de ambos, o autor admira com curiosidade e espanto sua criação e a personagem tem medo de conhecer o seu criador. Dedo Empoeirado foge em desespero:

Dedo Empoeirado deu um passo atrás. Um arrepio correu por sua espinha.

— Meus netos estão muito admirados com a marta domesticada que aquele garoto traz pela corrente — disse o velho quando se aproximou. Dedo Empoeirado deu mais um passo para trás. Por que o homem olhava para ele daquela maneira? Ele o examinava de um jeito totalmente diferente do das mulheres no ponto de ônibus.

[...]

O arrepio espalhou-se pelo corpo de Dedo Empoeirado, embora o sol queimasse sua pele. A maneira como o velho olhava para ele — como a um cão, que fugira de casa havia muito tempo e agora voltara, com o rabo entre as pernas e talvez cheio de piolhos, mas sem dúvida alguma o seu cão.

[...]

Ele recuou mais um passo, mas o velho o acompanhou, como se uma fita invisível os unisse.

— Sinto muito! — ele disse erguendo a mão, como se quisesse tocar suas cicatrizes. Dedo Empoeirado bateu com as costas num automóvel estacionado. Então o velho escritor estava bem na sua frente. O jeito embasbacado como olhava para ele...

— Suma daqui! — Dedo Empoeirado empurrou-o bruscamente. — Farid, traga as minhas coisas! (Funke, 2006, p. 235-237)

O *Mundo de tinta*, criado por Funke, beira ao real, abraça o sonho dos leitores, e dá vida aos desejos daqueles que são próximos à literatura. A narrativa de *Coração de tinta* é uma forma de contar histórias e trazer a mágica ou poder da literatura para além das letras e dos livros, é uma obra onde a narrativa permite ao leitor entrar em estado de viagem.

Meggie levava seus livros em todas as viagens também por outra razão. Eles eram seu lar quando ela estava num lugar estranho - vozes familiares, amigos que nunca brigavam com ela, amigos inteligentes e poderosos, audazes e experientes, viajados, aventureiros calejados. Seus livros a alegravam quando ela estava triste e espantava o tédio quando Mo cortava o couro e o tecido... (Funke, 2006, p. 22-23).

Podemos levantar uma questão, pode a representação da importância das letras, das páginas, dos livros presente em *Coração de tinta* influenciar o leitor a desenvolver o mesmo carinho que os personagens possuem pela literatura? Ou seja, o poder da literatura na obra de Funke é capaz de criar um vínculo entre o leitor e o texto?

Existe algo mais belo neste mundo do que as letras? Sinais mágicos, vozes dos mortos, peças de mundos maravilhosos, melhores do que este. Elas consolam e espantam a solidão. São guardiãs de segredos, arautos da verdade. Saboreie cada palavra, Meggie, a voz de Mo sussurrava dentro dela. Deixe-as derreter na boca. Está saboreando as cores? O vento e a noite? O medo e alegria? E o amor. Saboreie, Meggie, e tudo despertará para a vida (Funke, 2006, p. 435).

Por fim, podemos chegar à conclusão de que *Coração de tinta*, de Cornelia Funke, oferece a possibilidade de influenciar o leitor, pelas artimanhas da autora diante do universo que construiu e da humanização das personagens de sua obra. Esta humanização está relacionada a como Funke insere as personagens Mo e Meggie em posições nas quais o leitor consegue se identificar e compartilhar as emoções vividas por estas personagens em sua jornada no primeiro volume do *Mundo de tinta*. Esta humanização já foi comentada por Candido (2011):

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 182).

Meggie e Mo são a representação quase fiel do leitor, a transfiguração do real para o fantástico, as personagens são transladadas para um universo onde leitores sonham em poder interagir, conhecer e explorar infinitas obras literárias. É uma narrativa que se dispõe a mostrar como a literatura pode ser mágica, mesmo no mundo real, desde que o leitor esteja disposto a abraçar infinitos mundos, infinitas narrativas e infinitas personagens. *Coração de tinta* é uma ótima porta para novos leitores.

4 Considerações finais

Ao fim, este ensaio buscou analisar e apresentar a obra de Cornelia Funke, para destacar que esta possui um efeito poderoso no leitor. Apresenta a literatura como uma porta para infinitos mundos e oferece um amplo repertório de referências literárias. A autora explora um universo literário fantástico e a paixão contagiante da leitura. A obra de Funke tem o poder de encantar o público juvenil e pode agradar os de idade mais avançada.

Coração de tinta leva o leitor a uma nova realidade, muito próxima a nossa, permite que entremos naquele mundo sem que nos sintamos perdidos, as nossas referências serão autores e obras já conhecidas: *Os contos das mil e uma noites* (?), *Peter pan* (1911), *Senhor do anéis* (1954), *A ilha do tesouro* (1883), entre outras. O leitor sente-se familiarizado e confortável com aquele mundo, mas tudo muda quando o fantástico aparece. Funke usa a narrativa para seduzir o leitor, mesmo aquele que não tem o costume de ler. Ela cria uma artimanha para a leitura, a possibilidade de encontro com a sua personagem favorita ou uma visita a um universo literário predileto. Em

resumo, a experiência adquirida ao ler a obra de Funke pode levar o leitor a uma transformação qualitativa na sua relação com a literatura. Por fim, leitor e autor são partes inerentes para a obra, o texto vive e revive na experiência individual de leitura e impacta a vida e as representações daqueles que estão lendo. A interação entre texto-leitor é o que dá sentido e fundamenta a leitura.

Referências

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p.171-193.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

FUNKE, Cornelia, **Coração de tinta**, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Esta es Cornelia**. ?. Disponível em: <https://corneliafunke.com/es/cornelia/>. Acessos em: 1 jul. 2024.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Vol. 2. Tradução de Johannes Kretschmer. SP: Ed. 34, 1999.

JOUE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

LINK, Daniel. **Como se lê e outras intervenções críticas**. Argos, 2002.

REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. *In*.: FRADE, Isabel C. A. S et al. **Glossário Ceale**: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

RESUMEN: Este es un ensayo sobre *Corazón de tinta* (2006), de Cornelia Funke, analizamos la obra y sus posibles impactos en el público lector. La narrativa crea un mundo fantástico, mágico, en el que la literatura puede convertirse en realidad, los análisis de este ensayo resaltan el impacto y el poder de la literatura en el lector en la obra de Cornelia Funke y cómo esto puede influir en el perfeccionamiento y acercamiento con el texto literario. Nuestro texto dialoga con obras de autores como Rildo Cosson (2020); Antonio Candido (2011); Vicente Jouve (2002); Daniel Link (2002); Wolfgang Iser (1999) y Tzvetan Todorov (2004), relacionados con la enseñanza de la literatura, la formación del lector y los estudios de lo fantástico. El presente fantástico en *Corazón de tinta* puede ofrecer la posibilidad de incidir en el perfeccionamiento y acercamiento del lector con el texto literario.

PALABRAS CLAVE: *Corazón de tinta*; Literatura; Enseñanza de literatura; Lectura.